

## A CARACTERIZAÇÃO DO MEDO ENQUANTO SAGRADO TERRIFICANTE NO CONTO “A CASA DOS ANTEPASSADOS”, DE DORA FERREIRA DA SILVA.

CÁSSIA CRISTINA GONÇALVES SIMPLÍCIO<sup>1</sup> (UFU/PPGEL)  
cassiasmith17@hotmail.com

**RESUMO:** A Literatura em si é a arte de inquietação e provocação. Provoca tanto a beleza quanto o espanto, jogando o leitor entre sombras de angústias ao riso. Com ela, sentimentos como o amor, a raiva, a ironia, o desejo, e tantos outros recontam a história do homem, os seres comuns, e os seres divinos, sagrados, fruto do nosso imaginário. Nada passa impune ou imune à obra literária. Entre os sentimentos que perpassam pelo homem está o medo, ao lado do amor, sentimentos mais constantes durante a existência humana. Diante disso, no trabalho em questão, o sagrado ganha o sentido antropológico de situação existencial, apresentando-se ao lado do profano, como uma modalidade de ser no mundo, refletindo-se na existência humana. Nosso objetivo é demonstrar como se dá a presença do sagrado no conto *A casa dos antepassados*, tomando como base para a discussão o *numinoso* e *tremendum*, presente na obra *O sagrado* de Rudolf Otto; objetos estes que provocam no sujeito não uma percepção sensível, mas uma reação nos sentimentos. Além de poeta, tradutora e ensaísta, criou as revistas *Diálogo* e *Cavalo Azul*, sendo lançado na 5ªed, de *Cavalo Azul* três contos. O conto analisado para o presente trabalho relata a visita de Cybele ao solar dos antepassados, onde todos os elementos desde a música até as paredes soam intrigantes e obscuros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conto; medo; sagrado; *tremendum*; Dora Ferreira da Silva.

Dora Marianna Ribeiro Ferreira da Silva, poetisa e tradutora, apresenta aos seus leitores uma lírica “fortemente vinculada aos mitos”. Nascida em Conchas, em 1º de julho de 1918, falecendo em São Paulo no dia 6 de abril de 2006, a poeta foi contemplada por três vezes pelo Prêmio Jabuti e reconhecida pela Academia Brasileira de Letras, através da conquista do Prêmio Machado de Assis. Dora possui uma longa trajetória de mais de 50 anos dedicados à poesia - também ficou muito conhecida por seu trabalho de tradução de autores como Milosz, Sain-John Perse, San Juan de la Cruz, D. H. Lawrence, Hölderlin e Angelus Silesius, tendo traduzido, inclusive, nomes de conceituados como Carl Gustav Jung, T. S. Eliot e Rainer M. Rilke. Criou, juntamente com seu marido, o filósofo Vicente Ferreira da Silva, as revistas *Diálogo* e *Cavalo Azul*. Sendo lançados nesta três contos intitulados, *Regressar*, *O tesouro* e *A Casa dos Antepassados*. O conto em questão “A casa dos antepassados”.

Dora Ferreira da Silva<sup>1</sup> expressa em sua arte a psicologia das profundezas, que Jung associou às manifestações arquetípicas. Contudo, a descida da poeta aos mundos

---

<sup>1</sup> Para que a leitura desse artigo seja facilitada, todas as vezes que, a partir desse momento, se fizer referência à Dora Ferreira da Silva, o nome da autora será identificado pelas iniciais de seu nome, DFS.

ínferos e sombrios não é de estada – “descemos a escada plutônica” – mas transitória, pois sua obra é de celebração da vida – “subimos a escada platônica”. O sagrado em Dora é tomado pela escritora no sentido de “espiritual”, o qual está no fundamento de sua vocação poética, conforme expõe José Paulo Paes: “No domínio da poesia, esta presença do sagrado não deve ser entendida no sentido restrito de manifestação direta do divino, e sim o sentido mais amplo de ânsia de transcendência do Eu rumo ao Outro”. (SILVA: 1999, 410). Dora, em entrevista à *Revista Cult*, amplia a noção de sagrado:

Mircea Eliade abriu nossos olhos e nossas idéias sobre religião. Tínhamos uma visão muito pobre, ofensiva mesmo, como a de uma catequista, sobre a religião. No meu caso, a parte espiritual é como um elemento condutor ou propulsor de minha vocação poética. Acho que o papel do poeta é parecido com o daqueles que levam a tocha na Olimpíada. Mesmo que o mundo esteja dessacralizado, temos que acreditar que a vida é forte, transforma-se e cria novas saídas. Penso na imagem de uma flor brotando nos interstícios de uma pedra. Acredito nas diversas manifestações do divino, no anima mundi. Temos que viver este não- ser, esta noite, esta dor como uma passagem. A fidelidade de cada um a si mesmo é o que se pede. Dar o pouco que se tem ser fiel à sua voz interior, é o que se pede aos poetas na tentativa de suprir essa carência dos deuses. (<http://www.jornaldepoesia.jor.br/dgp5.html>)

Segundo Constança Marcondes Cesár, o percurso poético de DFS está nitidamente permeado pelo sagrado, como pode-se verificar em seu artigo publicado pela *Revista Agulha*:

Numa primeira etapa do seu itinerário, a poeta retoma os mitos gregos e procura, na perspectiva de um neo-paganismo, a celebração do sagrado, o mito vivo, a proximidade com Deus através da pluralidade dos deuses. É na tradição arcaica, pré-cristã, dos deuses gregos, que a poeta reencontra, num tempo de crise e secularização, a poderosa presença do sagrado. (CESÁR, 2007).

A sacralidade é uma das características marcantes da obra de DFS. Segundo Mircea Eliade “o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade de uma ordem inteiramente diferente da das realidades “naturais” (...) A primeira definição que pode dar-se ao sagrado, é que se opõe ao profano” (ELIADE, 1992, p. 12-13).

Partindo da constatação de que a obra de Dora Ferreira da Silva vai reelaborando situações arquetípicas, por meio de imagens, símbolos e mitos, investigo a partir de agora a caracterização do medo enquanto sagrado terrificante, no conto “A casa dos antepassados”, tomando como base para a discussão o *numinoso* e *tremendum*, presente na obra *O sagrado* de Rudolf Otto

O conto a ser analisado narra a visita de Cybele, Nocter, Carpetus e Arabela ao “Solar dos antepassados”, um edifício de pedras cinzentas, que possuía árvores sempre

mais altas que alcançava as estrelas pela noite, e durante dia tomava outra estatura, francamente humilde, e ainda havia um jardim selvagem.

Segundo Rudolf Otto (2007), “o sagrado é como algo estrita e estreitamente ligado ao ético, ao moral e à bondade” (p.11). Portanto, ser sagrado é o mesmo que ser santo, ou melhor, ser revestido de uma pureza moral e ética inigualável e inacessível, o que confere ao ser que é santo/sagrado uma bondade extraordinária.

O sagrado possui dentro de si elementos morais e éticos, mas não pode ser puro e simplesmente reduzido a estes, o mesmo não pode ser tão facilmente medido e compreendido, elucidado em conceitos ou mais ainda entendido e definido, pois existe apenas no universo do inefável (OTTO, 2007, p.11).

No conto temos uma presença intrigante de uma mulher negra, seria ela a imagem divina de Nossa Senhora Aparecida, porém um pouco demoníaca?

“Em meio à obscuridade vi uma carruagem puxada por leopardos. Nela, uma mulher negra, suntuosamente vestida e adornada, os seios nus, agitava os braços onde serpentes se enroscavam. Seus olhos brilhavam como duas grandes estrelas, mas sua língua que se insinuava pelos lábios entreabertos era outra serpente” (SILVA, s/d, p. 86).

O medo, quando explorado na literatura, reflete as sensações enfrentadas na vida real. A função catártica da literatura é a purificação, o sentimento de alívio, de expurgar a angústia das situações de tensão. O texto literário pode ajudar o indivíduo a conhecer-se e a conhecer a sociedade em que vive. O homem precisa, mais do que nunca, saber ao que teme, e toda a sua complexidade reflete-se nas letras. Essa purificação, o sentimento de libertação é visível no último parágrafo do conto:

“Um gato negro, ao seu lado me espreitava. Desesperada, sabendo que estaria perdida se ele me atacasse, gritei o nome da deusa felina do Egito, senhora da flauta e das danças de alegria: “BASTET”!! Não foi talvez a palavra que proferi, mas um gesto imperceptível do guia que me salvou. Estávamos agora, ele e eu, numa pequena sala do segundo andar. Uma atmosfera de amor espiritual e de funda compreensão nos unia. Ele se mantinha silencioso. A inspiração me invadira e de meus lábios as palavras jorravam, quentes e verdadeiras. Não me desespero de tê-las esquecido. Sei que algum dia elas se livrarão do meu esquecimento.” (SILVA, s/d, p. 87).

Em *A história da feiúra*, Umberto Eco revela no terror uma das estéticas do feio, e do fascínio que nos oferece, e através do termo *umheimliche*, ou seja, tudo aquilo que deveria permanecer escondido, propicia para o leitor sensação de estranhamento, cujo silêncio repentino, essa quase que imperceptível mudança no ar pode ser mais aterrorizante que a própria aparição de um monstro.

“A sensação de estar exatamente onde devia estar despiu-me do cansaço da viagem. Na casa circulava o sangue de muitas gerações, tudo vivia, e até

mesmo a morte podia parecer uma mulher bemhumorada nas tarefas diárias, preparando o banho das crianças ou dando ordens para o almoço”. (SILVA, s/d, p. 84)

Segundo Otto, O *mysterium tremendum* ou o “mistério que faz tremer” (p.17), expressa-se primeiramente na forma brutal do sinistro, do terrível, o que para Otto é o aspecto mais primitivo ou não evoluído do tremendo. É o medo em seu estágio inferior, é o terror, o pânico, o medo dos demônios, o calafrio que manifesta nosso terror frente ao sinistro da vida. O mistério normalmente é definido como oculto, o extraordinário, o estranho, o incompreensível. Esta é forma negativa de defini-lo, ou seja, dizer aquilo que não é. No entanto esse terror, ou temor, não é o temor ao demoníaco, ele é diferente e pode acontecer independentemente do outro. Ele não está preso e nem vinculado ao horror, ele nos aterroriza porque está ligado ao que é diferente e não ao sinistro, está ligado ao totalmente outro, ao *mirum* que nos deixa estupefatos e nos “paralisa”.

“Meu coração estava dividido: sim, eu queria conhecer aquele homem que tinha em suas mãos a ponta da meada. Quantas coisas não saberia do mundo obscuro de meus antepassados? Sua imagem desconhecida me fascinava, mas algo me retinha. ‘Prefiro voltar, Carpetus’ murmurei; mas meu amigo galgava como incrível rapidez uma escada, por entre cordas oscilantes. Não sei quanto tempo esperei junto ao molhe, ouvindo o ruído distante do mar e fragmentos de risos, de vozes excitadas. Minhas mãos gelaram, senti medo”. (SILVA, s/d, p.85)

Dessa maneira, o terror mostra ao homem um universo que se oculta, que se esconde dos olhos cegos, e revela mundos e seres que a imaginação apenas ousou esboçar em momentos de angústia e sombras. Como exemplo, podemos citar a imagem da mulher negra, cuja língua era idêntica a uma serpente.

Outra representação do sagrado é o *Majestas* ou a superioridade do poder, o que foi descrito até aqui sobre o *tremendum* pode-se expressar no ideograma: inacessibilidade absoluta, o que não esgotaria o elemento *tremendum*, dando a esse o elemento do poder, da força absoluta.

“Ele era alto e robusto e se movia numa estranha aura de poder. Usava uma bengala com cabo de prata e seus olhos se fixaram por um momento, levemente surpresos, no meu guarda-chuva florentino. Perturbei-me também. Na noite subitamente deserta ele começou a caminhar e eu o seguia, presa por fios invisíveis... Com um gesto rápido meu guia ordenou que o seguisse. Uma funda decisão traçara o caminho da minha obediência. EU ME OBEDECIA.” (SILVA, s/d, p. 86).

À *majestas* do *numinoso* corresponde o sentimento de ser da criatura. O sentimento aniquilamento, de nada ser, de esfacelamento está em contraste com o poder, a majestade.

Os elementos do *tremendum* e da *majestas* implicam um terceiro elemento que é a energia, o orgé do muminoso. Este elemento pode ser indicado por expressões simbólicas como vida, paixão, sensibilidade, movimento, excitação e impulso. Como relata Otto: “eles formam, no ‘*numen*’, o elemento cuja experiência coloca a alma humana em estado de atividade, excita o zelo, provoca tensão e a energia prodígios da qual o homem prova” (BIRCK, 1993, p. 39). O *numen* é antevisto no seu caráter terrífico como grandeza.

No conto podemos verificar no momento em que um cão negro atirou-se em Cybele, dominada pelo medo, pediu ao Senhor da Cidade que a livrasse do animal, porém, o cão não obedecia aos gritos de seu dono. Cybele então em sua defesa dispara: “És um cão tolo! Nem mesmo sabes que amo o teu Senhor tanto quanto o amas!” (SILVA, s/d, p. 87).

Dora mal chegou a conhecer seu pai. No entanto a sua presença/ausência é notória em toda sua obra. Nesse paradoxo presença/ausência, segundo Eliade, a história desempenha o homem eleva-se ao plano da vida do espírito na medida em que corresponde criativamente aos desafios dos condicionamentos que enredam a sua existência. Estes condicionamentos constituem o meio pelo qual o espírito se revela como liberdade e transcendência. Como podemos verificar na seguinte passagem:

“Um rosto difuso, escolhido entre muitos, e que também me escolhera, numa mútua doação de amor e de sentido. Tal como um rosto familiar que há muito não se vê, um pouco mudado, mas o mesmo, oculto numa dobra do tempo...” (SILVA, s/d, p. 83).

O conto é um prodígio de imagens luminosas que ofuscam e aniquilam para sempre o mundo avernal, cuja presença terrificante se dá através de diversas imagens, tais como: as árvores altas, o jardim selvagem, o vento, os ramos enluzados, a unha do gato preto, a roseira brava e o cão negro. Elementos esses que recolhe a um lugar sombrio, intrigante que nos causa uma certa repulsa.

“(…) as árvores sempre mais altas, crianças crescidas do nosso pasmo, a erva estendendo línguas finas por entre as pedras do caminho. Já se podia entrevero Rei e a Rainha, os ramos enluzados que o vento trançava, junto ao portão. À noite sempre nos admirávamos que suas copas parecessem roçar as estrêlas. De dia, tomavam outra estatura, francamente humilde. Entramos no jardim selvagem, pressentia-mo as flôres plantadas, emergindo dos canteiros que o

mato invadira. A unha de gato escrevia na pedra, com letra irregular, estranhas mensagens. A roseira brava estendia seus ramos frágeis perto do limiar da porta”. (SILVA, s/d, p. 83).

Em “*Estruturas Antropológicas do Imaginário*”, Gilbert Durand aponta que uma característica do regime noturno é o fato da lua sugerir sempre uma repetição, e é por ela e pelos cantos lunares que é dado um grande relevo para a história das religiões e dos mitos. Segundo Durand, “A lua aparece, com efeito, como a primeira medida do tempo (DURAND, 2002, p. 285), é devido a isso que a lua pode ser significativa de um possível retorno as origens.

O título “A casa dos antepassados” aponta para o halo hierofânico que reveste os símbolos da natureza. A constelação do religioso sagrado é formada por dois feixes simbólicos. O primeiro compreende as árvores, a erva, e a roseira, que evoca a anunciação e a chegada. O segundo feixe simbólico pode agrupar o vestido amarelo, que envolve os sentidos de realeza e sabedoria, e a música, que, pelo arcódeon – uma espécie de alaúde – também compõe o quadro de uma figura majestosa, divinal.

Quando fala-se em literatura sombria, fantástica ou mórbida, uma questão importante, por parecer ainda enigmática e sem solução, é a aparente dicotomia entre terror e horror. Ambas arrepiantes, ambas controversas. E, em muitos casos, apresentam-se unidas. A princípio, o horror parece ser uma reação física ante o medo, ao sobrenatural, ao desconhecido, a ameaça e crueldade da realidade, por outro lado, o terror seria um grande susto ou medo, pessoa ou coisa que espanta, aterroriza.

Em temas literários, falar em literatura de terror é sondar o medo, e os temores que rondam o homem. Teme-se ao conhecido, ao sangue que pinga dos jornais, às guerras, à loucura. Teme-se também ao desconhecido, ao exótico, aos mistérios e fenômenos sem explicações, estes, principalmente estes, sempre assustaram.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- BIRCK, Bruno Odélio. *O sagrado em Rudolf Otto*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.
- CESÁR, Constança Marcondes. *Dora Ferreira da Silva: caminhos em direção ao sagrado*. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ag58silva.htm>. Acesso em: 19/06/2015.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ECO, Humberto. *A história da feiúra*. São Paulo: Editora Record, 2007.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Entrevista de Dora Ferreira da Silva*. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/dgp5.html>. Acesso: 19/06/2015.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado*: Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

SILVA, Dora Ferreira da. A casa dos antepassados. In: *Revista Cavalo Azul*. São Paulo: [s.n.], v. 5, 1963, p. 83-87.